

Gilka da Costa Mello Machado



Estados de Alma

1917

RIO DE JANEIRO

DA MESMA AUCTORA:

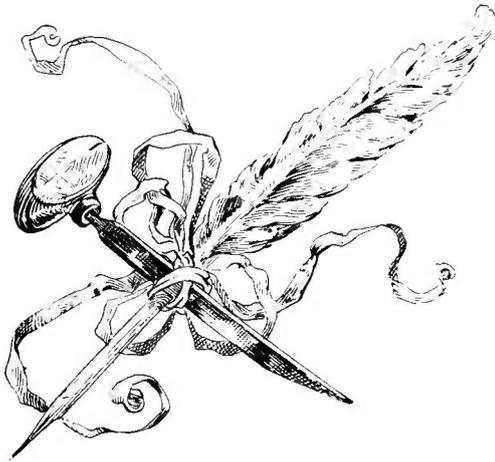
CRYSTAES PARTIDOS
(POESIÁS—1915) EXGOTTADO

A REVELAÇÃO DOS PERFUMES
(CONFERÊNCIA — 1916)

Ao meu amigo
Alpheu de Brito
e
a minha tia
Dinorah Barretto,
pela
saudade
que me deixaram.



ESTADOS DE ALMA



*Possa eu, da phrase nos absonos sons,
em versos minuciosos ou succintos,
expressar-me, dizer dos meus instinctos,
sejam elles, embora, máos ou bons.*

*Quero me vêr no verso, intimamente,
em sensações de gôso ou de pezar,
pois, occultar aqui'lo que se sente,
é o proprio sentimento condemnar.*

*Que do meu sonho o branco véo se esgarce
e mostre núa, totalmente núa,
na plena graça da simpleza sua,
minha Emoção, sem peias, sem disfarce.*

*Quero a arte livre em sua contextura,
que na arte, embora peccadora, a Idéa,
deve julgada ser como Phrinéa:
—na pureza triumphal da formosura.*

*Gelar minha alma de paixões accêsa
porque ? si desta forma ao Mundo vim ;
si adoro filialmente a Natureza
e a Natureza é que me fez assim.*

*Meu ser interno, tumultuoso, vario,
— máo grado o parvó olhar profanador —
no livro exponho como num mostruario :
sempre a verdade é digna de louvor.*

*Fiquem no verso, pois, eternamente,
as minhas sensações gravadas, vivas,
nas longas crises, nas alternativas
desta minha alma doente.*

*Relatando o pezar, relatando o prazer,
través a agitação, través a calma,
a estrophe deve tão sómente ser
o diagnóstico da alma.*



Aspiração

A Pereira da Silva

Eu quizera viver
tal qual os passarinhos:
cantando á beira dos caminhos,
cantando ao Sol, cantando aos luares,
cantando de pezar, cantando de prazer,
sem que ninguem ligasse aos meus cantares.

Eu quizera viver em plenos ares,
numa suspensa, etherea trajectoria,
numa existencia quasi incorporea;
viver sem rumo, procurar guarida
á noute, para, em somno, o corpo descansar,
viver em vôos, de corrida,
roçar, apenas, pela Vida.

Eu quizera viver sem leis e sem senhor,
tão sómente sujeita ás leis da Natureza,
tão sómente sujeita aos caprichos do Amôr.
Eu quizera viver na selva accêsa

pelo fulgôr solar,
o convívio feliz das mais aves gosando,
viver em bando,
a voar... a voar...

Eu quizera viver cantando como as aves,
em vez de fazer versos,
sem poderem, assim, os humanos perversos
interpretar
perfidamente o meu cantar.

E eu cantaria, então, a liberdade do ar,
e cantaria o som, a côr, o arôma,
a luz que morre, a luz que assoma,
cantaria, de maneira incompreendida,
toda a belleza indefinida
que a Natureza expõe e a gosar me convida.

E eu pudera expressar,
em sons lêdos ou graves,
esses prazeres suaves
do tacto;
e eu — então canora artista —
expandiria as emoções da minha vista,
e todo o goso, lubrico e insensato,
do odôr, que embriaga o olfacto;
e eu poderia externar,
em sons alegres ou doridos.

todas as impressões dos meus ouvidos,
toda a delicia do meu paladar.

Eu quizera viver dentro da natureza;
suffoca-me a estreiteza
desta vida social a que me sinto preza.
Deante
de uma paisagem verdejante,
deante do céu, deante do mar,
esta minha tristeza,
por momentos, se finda,
e desejo viver, soffrer a vida ainda,
e fico a meditar:
como os homens são máos e como a Terra é linda!

Certo, não fôra assim tão triste a vida,
si, das aves seguindo o exemplo encantador,
a humanidade, livremente unida,
gossasse a natureza, a liberdade e o amôr.

Eu quizera viver
sem a forma possuir do humano ser;
viver, como os passarinhos,
uma existencia toda de carinhos,
de delicias sem par...
Morte, que és hoje todo meu prazer,
fôras, então, meu unico pezar!

Eu quizera viver a voar, a voar
até sentir as azas mollentadas,
voar ao cahir do Sol e ao vir das Alvoradas,
voar mais, ainda mais,
pairar bem longe das creaturas,
nas serenissimas alturas
celestiaes...
Voar mais, ainda mais
(o vôo me seduz!),
voar, até, finalmente,
num dia muito azul e muito ardente,
— alma — pairar do espaço a flux,
— materia — despenhar-me, de repente,
sobre a terra absorvente,
morta, morta de luz!



Cabellos negros

A Rodolfo Machado

Si, do torço retroz de tua côma escura,
meu beijo, como um passarinho
gorgeando, célere, procura
o môrno e fôfo ninho,
que cheiro verde meu olfacto sente!
— cheiro de resedá que em flôres regorgita...
e meu olhar mergulha, e meu rosto se esconde
em tua cabelleira redolente...
tenho a impressão de que és uma arvore exquisita,
sonho que em teu cabelo ha verduras de fronte.

A tua cabelleira bi-partida
em curvas curtas, suaves,
tem a mesma ancia indefinida,
ancia de vôo, de amplidão, das aves;
mesmo ao craneo retida,
ella, ás vezes, se anima,
e, na realisação de algum sonho remoto,
fica, de azas espalmas, ar acima,
tentando uma subida
para o ether, para a luz, para o azul, para o ignoto.

Quando te acaricio,
e meu desejo teu desejo ateia,
teu cabelo arômal, novelloso e macio,
pelo meu rosto subtilmente passa...
tua cabeça, então, que em meus braços se enlaça,
tua cabeça, de essencias cheia,
é uma caçoula que perfumes incendeia...
o teu cabelo queima... é vapor... é fumaça...

Quando, pela fadiga mollentada,
sobre o leito me estiro, em completo descuido
(talvez loucura minha, uma obsessão talvez),
passo a sentir, Querido, o teu cabelo em tudo:
na paina da almofada,
nas mãos, nos labios, no proprio ar que é fluido,
sobre a minha nudez,
cobrindo-a, qual um manto de velludo,
da tua ausencia na viuvez.
Então, meu corpo ganha
uma volupia estranha,
e teu cabelo, como por encanto,
avulta, cresce tanto,
que largo, longo, perfumado e quente,
da fórmula as curvas me acompanha,
ondulando, lentamente...
E, sem sentil-os, sem ao menos vê-os,
subjectivamente,
durmo enrolada em teus cabellos.

Pelos
silencios amplos e sombrios

tua côma me vem
em longos, arômaes, sonoros fios,
na renda frouxa, tremulante, fina,
de uma surdina...
O teu cabelo musical contém
todos os sons vellosos e soturnos
dos languidos «nocturnos»
de Chopin. Ah! pudesse em meus versos contel-os,
— esses magicos sons, de ethereas melodias,
que desprendem as cordas luzidias
dos teus cabellos.

A tua cabelleira é uma negra urdidura
onde reteve o adejo,
e tomada ficou por lubrica tontura,
a maripôsa do meu desejo.
Fujo de vel-a, mas em tudo a vejo,
ella me segue e me circumda,
ella, dentro do dia, é uma noute profunda
onde minha alma scisma e em mil sonhos se enleva,
e, quando a Terra vae mergulhando na treva,
eu cuido mergulhar em tua cabelleira.

De onde vem esse odôr com que ella me quebranta,
esse odôr vegetal,
de essencia dormideira,
odôr que delicia e que faz mal,
narcotisante odôr de malefica planta?

.....

É, meditando, assim, no silencio, com calma,
tiro uma conclusão da origem desse arôma:
é a essencia venenosa da tua alma
que anda a se evaporar por tua negra cômã.



Manhan de bonança

A Laura da Fonseca e Silva

I

A luz os mares e florestas doura;
abro, á luz, as janellas, par em par,
e, qual si acaso outro Pactolo fôra,
o dia de ouro inunda nosso lar.

Como eu sou rica! a luz me é portadora
de um thezouro trazido em ondas de ar...
Nesta manhan completamente lourea,
tenho a alma de alegria a chocalhar!

Sinto-me leve como um seraphim,
e, nesta fragilissima leveza,
acho a casa pequena para mim...

e saio, e a alma me invade um tal fervôr,
que eu quizera estreitar a Natureza
num fórte abraço de entusiasmo e amôr.

II

Quanta riqueza! — Sob os céos escampos,
rola um rio, rutíla a prata fluente,
e, atapetando de pellucia o ambiente,
ha pubescencias virides de campos.

Sem caras fitas, sem custosos grampos,
ao vento que a balança mollemente,
enfeito a minha cabelleira ardente
de flôres raras e de insectos lampos.

Manhan de pompa, de alegria intensa!
parece até que Deus se fluidifica
em luz, e entra-me o ser, e enche-o de crença

Perfumes... côres... sons... e a alma, surpresa,
sem carinho, sem pão, sente-se rica,
no gôso emocional da Natureza!



Helios e Heros

Filhos meus — duas forças bem pequenas
que amo, e das quaes sustar quizera o adejo;
pequenas sempre fôra meu desejo
tel-as, aconchegadas e serenas.

Filhos meus — delles vem, delles, apenas,
a humilhação servil em que me vejo;
mas, si o penar a um filho é bemfazejo,
para uma alma de mãe que valem penas?

Eu, que feliz, toda enthusiasmo, d'antes,
via os seres tornarem-se possantes,
vejo-os crescerem com pezar, com zêlos.

Vejo-os crescerem, ensaiarem threnos,
e, no emtanto, quizera-os tão pequenos
que pudesse nas mãos sempre trazel-os.



Tedio

A José Oiticica

Principia o verão. Toda a matta tresua.
Quedam-se as aves, a agua, as frondes. Calmaria...
Não tem raios, parece uma febrenta lua
o Sol. Brumoso véo o infinito ennuvia.

Creio que grande mal na Natureza actua:
um pleno desalento, um sopôr de agonia.
Muda e immovel, assim, tem a Terra, na sua
attitude, a expressão de quem a Morte espia.

Nem risos de prazer nem ais de angustia: nada.
- - Dia para o sabôr do Tedio, tão sómente.
A atmosphaera recorda agua morna e estagnada.

A minha alma, vencida, em meio a tantas maguas,
paira na vastidão tristissima do ambiente,
como uma enorme náó encalhada nas fraguas.



Ante uma paisagem

A Levino Fanzeres

Quando não tarda o Sol a despontar,
pelas de inverno lividas manhans,
a Natureza, ao meu olhar,
parece toda agasalhada em lans.

Manhans serenas e crystalinas
essas, que ficam, horas inteiras,
no afan continuo das rendeiras,
tecendo a renda fluida das neblinas.

Manhans de tedio e de preguiça,
em que até mesmo o Sol custa a accordar,
e o corpo pede leito, e o deseja, e o cobiça;
manhans que não são mais do que noutes de luar.

Manhans de paina, em que a alma se reclina
como sobre um frouxel nivoso e largo,
e em que ha no céu e na campina
o mesmo pronunciado e invencível lethargo.

Andam anjos, por certo, azas, do alto, ruflando,
pelas manhans de brumas,
porque tombam do céo, de quando em quando,
crêspas, ethereas plumas.

O inverno a Natureza revirgina,
e quando surge o Sol, no inicio do verão,
a Terra tem pudores de menina,
palpitante de amôr á solar sensação.

Faz-se na natureza um lyrico noivado;
flôres de laranjeira e niveos véos nupciaes,
traja a Terra, a esperar que o noivo amado
venha, afinal, lhe dar o beijo de esponsaes.

*
* * *

O verão principia,
porém, nas cousas, inda o inverno actua;
é dia,
mas no céo que livôr, que sombria
expressão, que macios tons de Lua!

Esta linda manhan, tão velludosa quão
fria, a desabrochar o alvo seio, de leve,
tem o mesmo abandono, a mesma lentidão
de uma camelia a abrir das petalas a neve.

Toda a paisagem é muito languida e fria,
ha neve no arvoredos, ha neve sobre a alfombra,
com azas brancas, a Melancholia
a Natureza ensombra.

Da estrada sobre o longo e amplo espreguiçamento,
á feila fluida da garôa,
o phantasma do Tédio, amarello, nevoento,
anda vagando, atôa...
plena desolação, pleno aniquilamento,
Tédio, sómente o Tédio a êrma estrada povôa.

O meu olhar nesta paisagem sente
qualquer cousa de unccção, qualquer cousa emolliente...

O céu parece todo de pennas.
Azas de névoa passam, lentamente...

Nas arvores, que estão impassiveis, serenas,
— braços abertos para a amplitude,
— olhos postos na altura,
ha uma esperança frouxa, indecisa, indolente,
de quem, por padecer ha muito doente,
inda duvidas põe na proxima ventura.
E, dentro da manhan dubiamente tristonha,
das arvores a attitude
é a mesma extatica attitude de quem sonha.

E' dia, mas a luz não tem calôr nem raios;
onde a alegria da Natureza?

a paisagem é toda de desmaios
de côres e de névoas de incerteza.

E' dia,
mas a estrada está vasia
e nem uma ave o espaço 'corta;
o verão principia
e a Terra está como que morta.

E' dia, mas o céu é bruma, lado a lado,
e, persistindo num amoroso disfarce,
o Sol, nas nevoas embuçado,
continúa a occultar-se.

Pelas arvores que ancia!
Como as frondes olham tristes a distancia!

Toda de branco para o noivado,
a paisagem inda espera:
tarda a festa nupcial da primavera
e tarda o Sol — o noivo desejado.

Num derradeiro arranço
de paixão virgem, luminosa, immensa,
a alma da Natureza está suspensa
num sonho branco... branco... branco...



Vibrações do Sol

Dias em que fremindo os meus nervos estão,
em que estranho meu ser passivo e scismarento;
dias em que meu corpo é uma palpação
de azas, da natureza ante o deslumbramento!

Num dia, assim, como este, os meus tédios se vão,
e ao céu de escampo azul e ao Sol, de ardôr violento,
eu só quero sentir a forte vibração
da vida, num prazer ou mesmo num tormento.

Saem dos labios meus as expressões em trovas;
quero viver, gosar emoções muito novas,
amo quanto me cerca, amo o bem, amo o mal.

E, numa agitação de anceios incontidos,
nestes dias de Sol, os meus cinco sentidos
são aves ensaiando o vôo para o Ideal.



Volupia

Tenho-te, do meu sangue alongada nos veios;
á tua sensação me alheio a todo o ambiente;
os meus versos estão completamente cheios
do teu veneno forte, invencível e fluente.

Por te trazer em mim, adquiri-os, tomei-os,
o teu modo subtil, o teu gesto indolente.
Por te trazer em mim moldei-me aos teus colleios,
minha intima, nervosa e rubida serpente.

Teu veneno lethal torna-me os olhos baços,
e a alma pura que trago e que te repudia,
inutilmente aneia esquivar-me aos teus laços.

Teu veneno lethal torna-me o corpo lague,
numa circulação longa, lenta, macia,
a subir e a descer, no curso do meu sangue.



Symbolos

Eu e tu, ante a noite e o amplo desdobramento
do mar fero, a estourar de encontro á rocha nua..
Um symbolo descubro aqui, neste momento;
esta rocha e este mar... a minha vida e a tua..

O mar vem... o mar vae.... nelle ha o gesto violento
de quem maltrata e, após, se arrepende e recúa..
Como eu comprehendo bem da rocha o sentimento!
são bem eguaes, por certo, a minha magua e a sua!

Symbolisa este quadro a nossa propria vida:
tu és esse mar bravio, inconstante e inclemente,
com carinhos de amante e furias de demente;

eu sou a dôr parada, a dôr empedernida,
eu sou aquella rocha encravada na areia,
alheia ao mar que a punge, ao mar que a afaga alheia....



Impressões do som

A Laura Austregesilo

Falas... e, por te ouvir, me fico muda e quêda;
a minha alma, porém, começa a atravessar
uma larga, uma longa e sombria alamêda
de laranjaes em flôr se espetalando ao luar.

Falas... pelo silencio ha capulhos de sêda...
toma-me a sensação de um languor singular...
Falas... e tua fala, ora triste, ora lêda,
tem a ascensão subtil do arôma a espiralar.

Falas... ao te escutar, sinto, neste momento,
que tua voz é um branco, é um perfumoso unguento
para a chaga febril do meu grande pezar...

Falas... e, ora, sentindo a tua suave fala,
cuido que um anjo louro, a sorrir, despetala
flôres, sobre meu Sonho afflicto, a agonisar.

*

* * *

Voz de surdinas, voz suggestiva, que assume a solenne expressão de uma prece longeva. Voz que, pela mudez desta noute sem lume, tem gestos monacaes; voz que abençoâ a Treva.

Voz de surdinas, voz que na calma se eleva, cariciante, subtil; voz que o senso presume a manifestação exterior de uma leva de flôres, a harmonia etherea do perfume.

Recorda-me esta voz, de tão meiga, tão mansa, a canção maternal que me embalava em creança, e me sinto infantil, ora, quêda, a escutal-a.

Esta voz mais parece uma voz subjectiva, esta voz tão sómente o Silêncio a deriva, esta voz, com certeza, é do Silêncio a fala.

*

*

*

A' languorosa luz que cae da Lua-cheia,
como que a despertar, se vae espreguiçando
na pellucia da noute, um rumôr lento e brando,
que se force, se estorce, alonga, serpenteia...

E é tão suave esta voz que a Natureza enleia,
e os sentidos me toma, e m'os vae mollentando;
creio mesmo fitar de sereias um bando,
pois nesta melodia ha ondeios de sereia.

Cada nota que, no ar, mollemente, fluctua,
é um seio nu, é um ventre nu, é a fórmula nua
das mulheres sensuaes de bambas carnes turvas.

E, toda languidez, espasmos, elasterios,
esta musica põe nos silencios ethereos
uma continuidade intermina de curvas...

*
* *

Sobem, na longa esguiez dos galhos resequidos,
estes sons para os quaes meu pensamento externo...
Sinto neve cahir, ouço longos gemidos
de arvores expressando o seu pezar interno.

Perto, um piano a vibrar, tão lugubre quão terno...
que alvas, tremulas mãos arrancam taes ruidos
que, glabros, sêccos como as fôlhas pelo hinverno,
vêm cahir, subtilmente, agora, em meus ouvidos?

E' uma noute estival esta que anda lá fóra,
mas eu tenho a visão triste do outomno, emquanto
o piano scisma, o piano geme, o piano chora...

Ha uma queixa que sobe a paragens ignotas...
tremulam no silencio alvas gottas de pranto...
plange o piano, pingando as derradeiras notas...

*

*

*

À minha irman Magdalena

Na calma circundante uma voz se desata...
cantas e, por te ouvir, a sonhar principio:
acho-me com certeza ante alguma cascata;
o ambiente é mysterioso, é segredante e frio.

Borrifa-me a epiderme um halito de prata...
Em deslizes fluviaes, de suave murmurio,
tua voz me conduz á espessura da matta,
onde da agreste flôr vaga o cheiro macio.

O som cresce, se alarga e como que descança...
já não é mais um rio a tua voz, é mansa,
lisa lagôa, ao luar dormindo um somno brando.

E, quando na garganta a ultima nota estancas,
os echos pairam, como azas longas e brancas
de cysnes, por todo o ar, lentos, se espreguiçando...

*

*

*

(Ouvindo um solo de violoncello)

Vem de uma escura, de uma esconsa fuma,
vem de abysmos, talvez,
esta voz cava, profunda!
Não vês, minha alma, a solidão, não vês
a somnolenta paz que te circumda?
Esta soturna
voz, que ora se avoluma e no ar se eleva,
é a voz da própria Treva
que, quebrando a mudez
antiga, millenaria,
conta, numa aria,
toda a amargura da viuvez.

Mas a Noute é tranquilla,
não vem da Noute a voz, certo não vem do Vento,
porque nem mesmo o Vento ora sibila.
O meu olhar, attento,
a solidão perscruta:
a Natureza está numa calma absoluta,
apenas, de momento

a momento, vôam môchos,
num vôo incerto, preguiçento.

Pelos espaços mudos,
o som se estira, num lamento
lento... lento...
lembra um desdobramento
de velludos
longos e rôxos...
mas logo ascende e, num «crescendo», estronda,
invade
a noute neblinosa, turva,
a desdobrar-se, curva a curva,
numa continuidade
de oceano: onda após onda.

Debruçada á janella,
supponho se inundar
de grandes vagas o ar,
pois, na minha audição que se alonga para ella,
a voz chega e se espraia,
tal como o mar que longe se encapella
e vem se desfazer em caricias na praia.

Esta musica triste,
esta musica equorea,
tenho-a recente na memoria;
minha alma, quantas vezes tu a ouvistel

Oh! como então eu reconheço
esta voz linda e austera,
esta voz que, em começo,
vinda da Noute suppuzera!
Reconheço-a tão bem como si a minha fosse,
é a voz da minha dôr que anda lá fóra...
alou-se
a minha dôr,
e está contando á Immensidade, agora,
todo seu dissabor.

Quantos annos a trouxe no meu peito,
— a dôr do meu desejo insatisfeito,
— a dôr de uma illusão desilludida,
dôr que criei ao meu geito,
muda como si não tivesse vida!

.....

Pelo silencio afóra,
a voz grita, a voz geme, a voz chora
e estertora...

E' minha dôr que ora se expande, em brados
de angustia e de revolta,
é minha dôr que, finalmente, solta
todos os ais outrora suffocados.
Ouve-a o Silencio, a Solidão, a Sombra,
ouve-a o Céu, ouve-a a Terra, lado a lado,
tudo num ar de quem se assombra:
calado! estatelado!

Como vinda de longe,
de novo a voz se abranda e, calma e grave,
lembra o sermão de lagrimas de um monge,
dentro de escura e vasia nave.

Faz-se o rumor inda mais suave,
inda mais brando...
e, pouco a pouco, desmaiando,
num «smorzando»,
dentro da noute a voz desata,
neste momento,
o suspiro prolongado
de uma «fermata...»

.....

Minha dôr, minha dôr, esta voz é bem tua,
são teus este desalento
e este suspiro que pelo ar fluctua...

.....

Agora indo,
e logo vindo,
morrendo, resuscitando,
é um desejo casto e lindo,
que hesita, de quando em quando,
a voz, ora indo, ora vindo,
numa «berceuse» soando.

E' o teu desejo embaladôr,
ó minha dôr,
que vem e vae para o meu Amôr!...

.....

O som, porém, toma expressões ignotas,
não é mais uma voz, tem varias vozes,
cada qual a gemer dentro das notas,
cada qual a contar maguas atrozes.
E' um ruido coral de paroxysmos
que agora chega aos meus ouvidos,
ruido que se eleva dos abysmos
da alma de todos os desilludidos.

E da multipla voz dentre os commovedores
rumores,
sem que o meu coração pudesse tal
suppôr,
em vão procuro qual
seja o da minha dôr,
porque esta voz, agora, é a harmonia das dôres,
é a voz da Dôr universal.

.....

Andam soluços, pelo ar, desatos,
em «pizzicatos»,
e as mesmas notas vibrantes,
antes,
num som escasso,
languido, lasso,
lembram arquejos de canção.

A voz expira...
por todo o ambiente,
ha qualquer cousa luzidia
que se desfia...

.....

A voz expira,
dolente,
mansa,
comó a agonia
de uma creança...

.....

A voz expira...
e eu, que tão alta a ouvira
de sons enchendo todo o espaço immenso,
ouvindo-lhe o echo, o espiritual ascenso,
julgo-a uma espira
de incenso...

.....

Calou-se a voz e, em vão, ao somno appello,
calou-se a voz, porém, interiormente,
escuto o som de um «violoncello»...
é a voz da dôr, da minha dôr sem fim,
dôr da saudade, dôr com que te anhele...
dôr musical que está vibrando em mim.



Emotividade da Côr

A Dolores Marquez Caplonch

e a

Miguel Caplonch

100 100 100 100 100

100 100 100 100 100

100 100 100 100 100

100 100 100 100 100

100 100 100 100 100

Sete côres — sete notas erradias,
sete notas da musica do olhar,
sete notas de ethereas melodias,
de sons encantadores
que se compõem entre si,
formando outras tantas côres,
do cinzento que scisma ao jalde que sorri.

Ha momentos
em que a côr nos modifica os sentimentos,
ora fazendo bem, ora fazendo mal;
em tons calmos ou violentos,
a côr é sempre communicativa,
amortece, reaviva,
tal a sua expressão emocional.

Lançaê olhares investigadores
para a mancha dos poentes:
ha côres que são echos de outras côres.
côres sem vibração, côres esfallecentes,
melodias que o olhar sómente escuta,
na quietude absoluta,

•

ao Sól se pôr...
Quem ha que inda não tenha percebido
o subjectivo ruido
da harmonia da côr?

A alvorada é um «crescendo»,
a tarde é um «smorzando»;
as côres nascem quando a luz vae despontando,
as côres morrem quando a luz vae se escondendo.

Sempre que fito os arrebóes, lá no ar,
uma idéa em meu sonho se insinua:
andam perfumes; no infinito, a errar...
— rubro intenso, azul suave, roseo brando,
amarello atordoante,
alaranjado doce,
verde indeciso, rôxo leve...
oh! si possível aspiral-os fosse!
quanto perfume deve,
neste instante,
o espaço saturar!
quantos perfumes trescalando,
mas tão distante, tão distante,
que só os posso vêr, não os posso aspirar!...

— A côr é o arôma em corpo e embriaga pelo olhar.

Côr é soluço, côr é gargalhada,
côr é lamento, é suspiro,

e grito de alma desesperada!
Muitas vezes a côr ao som prefiro
porque ella vibra sem rumôr,
porque a minha emoção é igual á sua:
— parada, estatelada,
dizendo tudo, sem que diga nada,
no prazer ou na dôr.

Olhar a côr
é ouvil-a,
numa expressão tranquilla,
falar de todas as sensações
caladas, dos corações;
no emtanto, a côr tem brados,
mas brados estrangulados,
maguas contidas,
mudo querer,
ancia, fervor, emotividade
de desconhecidas
vidas,
que se ficaram na vontade,
que não conseguiram sêr...

Côres são vagas, suggestivas toadas...

Côres são emoções paralysadas...

.....
.....

Branco — espasmo... anemia...
O branco é uma visual anesthesia.
No branco
ha tal candor
que, quando nelle o olhar estanco,
julgo-o a infancia, a innocencia, a pureza da Côr.

.....
.....

Negro — somno das Côres fatigadas...
(penso ao transpôr, ás cegas, as estradas).

Negro é pezar, é purificação
espiritual;
flôres que se abrem só na noute escura
são
de brancura
virginal.

Negro... e a noute perscruto,
e me fico a sonhar, e me fico a suppôr:
o negro é a Côr de luto,
o negro é a dôr
da Côr.

.....
.....

Cinzento — meu pensar em que busco e repillo
a Vida; meu interno e interminavel poente;
meu céu de bruma, céu parado, céu tranquillo,
onde encoberto vaga o sol da minha mente.

Cinzento -- indecisão, nascimento, agonia,
embryão do meu prazer, embryão da minha dôr!
vibram dentro de ti, em chromal harmonia,
a brancura e o trevor.

Nesse teu todo, ó côr scismatica e sombria,
sempre que afundo o olhar calmo, investigador,
supponho descobrir a cinza, a ruïnaria
do meu primeiro amôr.

Abysmas-te em meu ser, meu ser em ti se abysma,
quando morre a Illusão, quando o Dia se escombra,
ó côr que na minha alma és a sombra da Scisma,
côr que na Natureza és a scisma da Sombra!

.....
.....

O rôxo entre o pezar e a alegria balança...
Rôxo — tristeza mansa,

tristeza em côr, côr da tristeza
da cella em que minha alma vive prêsa.

Roxo — alegria do triste,
sorriso aberto para a Dôr,
pranto que eu vivo a rir desde que me surgiste...

Rôxo — alamêda em flôr,
de claridades turvas,
em cujas curvas
longas, fugidias,
vão se sumindo as illusões e os dias.

.....
.....

Roseo — Côr a sorrir,
sorriso da creatura
ante a loura visão de um sonhado Porvir.

Roseo — indecisa tonalidade
que não é illusão nem realidade.
Côr
de carne inda em flôr,

carne mal accordada,
carne que se prepara, que se apura
para em ancias fremir...
Carne diluida em côr...

Roseo — côr da Alvorada,
roseo — alvorada do Amôr.

.....
.....

Qualquer cousa talvez de velhice ou de somno,
talvez de hypocondria...
um cantochão... um som absono
de folhas a rolaem, pelo outomno...
um total abandono,
uma apparente calma
em que fico a mirar, no interior da minha alma,
de illusões se despindo o meu sonho mais bello...
esfolhada... hinvèrnia...
amarello... amarello...

.....
.....

Rubro — loucura em côr, côr da loucura.
Rubro— carne inflammada em estos de paixão.

Rubro — o incendio interior que o corpo me tortura,
a constante tontura
que me puzeste na imaginação;
a côr través a qual te vejo,
num voluptuoso ensejo...
a exteriorisação do meu desejo.

.....
.....

No alaranjado a minha vista sente
uma alegria doente,
uma alegria de alma bôa,
que ri muito, apesar da doença que a magôa,
uma alegria triste,
que consiste
em rir, para alegrar
o alheio olhar.

Alaranjado
(repara bem, verás:) é o sorriso forçado,
é o meu sorriso cheio de pezar,
é o meu sorriso misturado
com lagrimas, si estou de ti perto, ao teu lado,
e a distancia entre nós vejo se desdobrar.

.....
.....

O verde as emoções me revigora,
o verde tem o dom
de me tornar louçan, a qualquer hora,
em qualquer parte, em qualquer tom.

Nunã impeto de vaga ou num surto de frança,
o verde é sempre uma esperança
que para o céu se lança.

Verde é o olhar com que te espio,
e o olhar com que tu me espias
(e os nossos olhos são noutes negras, sombrias.).

Verde é o leito, é o macio
berço desta lembrança
em que tua visão, dentro em meu ser, descança.
Verdes — as vagas que, a cada instante,
vêm e vão,
do meu coração amante
ao teu amante coração.

Verde é ancia incontida
de mar que quer subir, quer o céu alcançar;
verde é alegria distribuida.
em côr, a gargalhar;
verde é vigor, verde é vida

a irromper, a fugir da Morte, a frondejar,
nos estagnos, nas dôres e nas covas,
em esperanças, em plantas novas,
buscando a luz, as amplitudes, o ar.

.....

.....

De azul, de suave azul coloriram-se as rotas
do céu; azul é sempre expressão de bondade.
Ha na visão do azul um carinho de oressa
e uma promessa
de felicidade.

O azul nos suggestiona, nos persuade;
mesmo quando tenhamos a alma oppressa,
qual de nós a sonhar não recomeça
ante um tranquillo céu de azulea claridade?

Sempre, em rumo do azul,
a alma errante dos poetas segue, exul.
Azul é perfeição, é sonho, é ideal;
azul é o brilho do mais limpido crystal;
azul é o jorro da agua mais pura,
mais torturada, mais batida.
No azul se fez um pouzo destinado
às almas que se vão da vida, sem peccado.
Azul diviso esta tortura,
este desejo de subida
que sinto pelas

distancias êrmas da azul altura.
Azul bemdito, de bellezas tantas!
— azul nas flôres mais delicadas,
— azul nos olhos mysticos das santas,
— azul nos olhos magicos das fadas,
— azul nos olhos vagos das estrellas.

Sonhemos sob o azul que tudo nos permite,
o azul que nos promette e nunca nos dissuade.
Bem-haja o azul da Immensidade,
esse azul sem limite,
esse azul-liberdade!



Particularidades...

Muitas vezes, a sós, eu me analyso e estudo,
os meus gostos crímino e busco, em vão, torcel-os;
é incrível a paixão que me absorve por tudo
quanto é sedoso, suave ao tacto: a côma... os pellos...

Amo as noutes de luar porque são de velludo,
delicio-me quando, acaso, sinto, pelos
meus frageis membros, sobre o meu corpo desnudo;
em caricias subtis, rolarem-me os cabellos.

Pela fria estação, que aos mais seres erriça,
andam-me pelo corpo espasmos repetidos,
ás luvas de camurça, ás bôas, á pelliça...

O meu tacto se estende a todos os sentidos;
sou toda languidez, somnolencia, preguiça,
si me quedo a fitar tapêtes estendidos.

*
* * *

Tudo quanto é macio os meus impetos dôma,
e flexuosa me torna e me torna felina.
Amo do pecegueiro a pubescente pôma,
porque afagos de vello offerece e propina.

O intrinseco sabôr lhe ignoro; si ella assoma,
no rubôr da sazão, sonho-a-doce, divina!
goso-a pela maciez cariciante, de côma,
e o meu senso em mantel-a incólume se obstina.

Toco-a, palpo-a, acarinho o seu carnal contôrno,
saborêo-a num beijo, evitando um resabio,
como num lento olhar te osculo o labio môrno.

E que prazer o meu! que prazer insensato!
— pela vista comer-te o pêcego do labio,
e o pêcego comer apenas pelo tacto.



Impressões do luar

A Antonio Austregesilo

Azas longas, subtis, azas fôfas, de bruma,
pelo êrmo do infinito, erram, se espreguiçando...
Esta noute alva e fria o meu sonho avoluma,
creio, ao pallôr do luar, de anjos revôe um bando.

No deslize da brisa ha um carinho de pluma
pela minha epiderme a roçar, quando em quando.
Com leves mãos de sêda, o Silencio, uma a uma,
das horas vae desfiando as contas, vae desfiando...

Enluaram-se os jardins de chrysanthemos brancos,
e o luar, gélido, cáe, numa etherea esfolhada,
de flôres a juncar planicies e barrancos.

A Terra, muda assim, nestas noutes serenas,
lembra uma creança morta, em neve amortalhada,
sob magnolias, jasmins, camélias, açucenas...

*

* * *

Lua-cheia. Ante a noute eu me quedo e extasiado:
uma espessa garôa anda o espaço a embaciar,
e lembra o céu — tão alvo e de estrellas vasio —
larga e poenta peneira emborcada em pleno ar.

Nestas noutes, assim, de silencio macio,
em que é pellucia o campo, a fronderia, o mar,
que delicia sentir, em cócegas, o Frio
os seus dêdos de neve em meu corpo passar!

Os perfumes me vêm, de momento a momento,
lentos, niveos, e penso: anda, por certo, o Vento,
em derredor de mim, flôres a desfolhar...

Como empoadas estão as arvores, na rua!
como tudo está branco! — é o arminho da Lua,
que, lá do alto, sacode o pó de arroz do luar.

*

* *

Eu na praia deserta e no alto a Lua-cheia.
O céu calado pende, o oceano, calmo, guaia.
O luar, no azul, no solo e em quanto me rodeia,
põe levezas de gaze e alvuras de cambraia.

Como está branca, fôfa e gélida esta areia!
até parece luar porphyrisado a praia
em que, frouxo, indeciso, o meu passo vagueia,
emquanto o oceano espuma e um luar liquido espraia.

A limpidez do céu sómente a Lua empana,
través a luz, a noute é azul, de lado a lado;
ha no ar um cheiro manso e meloso, de canna.

A onda mela, é de mel este oceano indolente,
este luar, assim branco, é assucar derramado...
que doçura por toda a vastidão do ambiente!



Numa rêde

Bem sei porque me sinto creança,
quando uma rêde me embalança!
— é que ha na rêde um rythmo igual
ao da canção lenta e macia,
com que eu, em creança, adormecia
no fôfo seio maternal.

A minha rêde é mansa, mansa,
de me agradar nunca se cança,
é a minha amiga mais perfeita;
como ao meu gosto se conforma,
e do meu corpo toma a forma,
e toda a mim se torna affeita!

A minha rêde no ar se lança,
como num mar todo bonança;
nella navego em ondas de ar,
para um paiz que é o da Chimera,
de onde me acena alguém e espera
alguém que eu vivo a desejar.

A rêde tem o gesto e a nuança
da hesitação: recua... avança...
e ao seu balanço leve e lento,
por mais que nella o corpo encôlha,
sinto-me fragil como a fôlha,
julgo-me toda entregue ao Vento.

Qual uma larga e basta frança,
a rêde vae e vem, balança...
e adormecendo ao seu vae-vem,
sobre o seu corpo quasi fluido,
sonho-me posta, com descuido,
nos braços langues desse alguem...

Na rêde o corpo, a rir, descança,
como num sonho uma esperança.
Dos meus pezares esquecida,
muito ao meu gôsto posta, vêde:
ao molle embalo de uma rêde,
fico oscillando para a Vida...



Poema de amor

(Versos antigos)

*

* *

Sonhei-te tantos annos! tantos annos!
eras o meu ideal de amôr e de arte,
buscava-te a toda hora e em toda parte,
nessa ancia inexplicavel dos insanos.

Emfim, vencida pelos desenganos,
como quem nada espera que lhe farte
a alma faminta, exhausta de sonhar-te,
abandonei-me do destino aos damnos.

Surges-me, agora, em meio da jornada
da vida: vens do inferno ou vens da altura?
— não sei: mas de ti fujo, apavorada!...

E, em lagrimas, minha alma conjectura:
uma felicidade retardada
quasi sempre se torna desventura.

*

* *

Eu amo as amplidões, os largos descampados
onde póde minha alma as azas espalmar;
amo o desdobramento encantador dos prados
em que erra e se fatiga o meu ancioso olhar.

Eu amo o longe, o vago, os mundos ignorados
e o deserto ondulante e intermino do mar,
quando só vejo céu, céu de todos os lados,
e agua a se distender e a se indeterminar.

Amo a longinquidade altissima dos cumes
dos montes; amo os sons, só porque elles me dão
sensações de infinito, assim como os perfumes.

Amo-te (e neste amor o meu gosto se apura),
porque me perco em ti qual numa vastidão,
porque ao teu lado sinto a vertigem da altura.

•

*

*

*

Sêr a atmosphaera que respiras,
conter-te em mim como numa redôma,
entrar-te pelo olfacto, assim como as espiras
invisiveis, do arôma...

Sêr teu ambiente,
sêr teu espaço circumdante,
sentindo em mim roçar, constantemente,
teu gesto palpitante...

Sêr o silencio em que te enfurnas,
guardar teus lentos
pensamentos,
pelas horas nocturnas...

Sêr o teu somno, sentir-te assim
como ninguem te sente
-- abandonado completamente,
completamente esquecido em mim...

Oh! meu prazer!

— sentir-te e penetrar-te;

— em toda hora, em toda parte,

gostar teu ser!

sem que o pudesses perceber;

— ser por ti absorvida;

— encher com minha vida a tua vida.

*

* * *

Sinto-me langue, muito langue,
nesta noute de ténebra e calôr...
foge-me a vida...
foge-me o sangue...
parece-me que estou sendo absorvida
pela Treva, lentamente...
mesmo tu, meu Amôr,
te esvaez na minha mente,
perdes a fóрма e a côr...
e, ó meu Amôr,
meu sonho lindo!
eu quero em ti pensar mas tu me vaes fugindo...

E, enquanto eu desanimo,
a treva para mim vae se animando,
parece ter até gestos de mimo...
sinto-lhe o halito brando,
sinto-a, como um vampiro
formidando,
todo meu ser sugando....

Venta?... não sei si é o Vento...
estas enormes, palpitantes alas,
seja a Noute talvez que esteja, ora, a agital-as.

Fraqueza?... somno?... desfallecimento?..
— ignoro o meu estado,
porém julgo o meu corpo transformado
em liquido e, no ambiente, derramado...

Não tenho forças nem para um suspiro...
que deliciosa calma!..
morro? — não; mas ignoro onde é que anda minha alma.

Fugiste-me, fugiste, num arranco,
meu Amôr, meu Amôr... como te estás distantel..

E' noute, mas, da noute deante,
eu vejo tudo branco...

*
* *
*

Ha momentos
em que os meus sentimentos
vencem as vastidões dos espaços ethereos;
momentos
lentos,
em que eu sou toda elasterios;
momentos
em que os meus sentidos,
indefinidamente distendidos
em desejos eguaes
— elasticas serpentes —
seguem, ó meu Amôr, para onde estás.

Não sei mesmo si os sentes,
por estes dias longos, indolentes,
dias de ausencia que não findam mais.

Mas eu me sinto muito além
de mim,
lá, onde um máo destino te retém;

mas eu me sinto muito esguia e muito extensa
(e bem
me sinto, assim),
espreguiçada na distancia immensa
que vem
de ti para mim...

*

* *

Na plena solidão de um amplo descampado,
penso em ti e que tu pensas em mim supponho;
tenho toda a feição de um arbusto isolado,
abstracto o olhar, entregue á delicia de um sonho.

O Vento, sob o céu de brumas carregado,
passa, ora languoroso, ora forte, medonho!
e tanto penso em ti, ó meu ausente amado!
que te sinto no Vento e a elle, feliz, me exponho.

Com caricias brutaes e com caricias mansas,
cuido que tu me vens, julgo-me toda tua...
—sou arvore a oscillar, meus cabellos são franças...

E não podes saber do meu gôso violento,
quando me fico, assim, neste êrmo, toda núa,
completamente exposta á Volupia do Vento!

*

* *

Chamo, grito por ti!... tua audição
ha de sentir a minha voz afflicta
vencer desta distancia a immensidão;
os teus ouvidos
hão
de me escutar...
é tal a vibração
da minha voz
a te chamar,
que ha de mover as ondas do ar,
que ha de vencer esta distancia atroz!

E chegará aos teus sentidos
a minha voz esfallecente, fatigada,
pela distancia quasi infinita...
e não será a minha voz de então,
terá outra inflexão,
um som mais brando...
acolhe-a com carinho:
é que ella foi perdendo as forças na jornada,
é que ella foi deixando
pedaços de alma pelo caminho...

*

* *

Por este fim de dia
— ponte alongada e esguia —
paira suspensa
no ar
esta saudade immensa,
esta saudade que se encaminha
da minha vida para a tua,
da tua vida para a minha.

E, dessa ponte singular
em meio,
movidas pelo mesmo irrefreavel anseio,
uma para a outra, vão seguindo
as nossas almas, neste occaso lindo.
Vão seguindo... vão seguindo
até que, uma da outra rente,
lá no longe, no vago,
onde termina o poente,
num leve e mudo afago,
ficam se sentindo,
demoradamente...

A saudade é o caminho conductor
de um Amôr a outro Amôr...
é a estrada etherca e movediça,
que fluctua
e se espreguiça,
como um odôr...
della na remansosa e invisã estancia,
juntos, pairamos sobre uma abysmal distancia.

*

* *

A luz lyrica da Lua
actua em qualquer ser, em qualquer cousa actua.

Nas noutes calmas, de brancura accêsa,
em que o luar illumina o firmamento,
todas as forças da natureza
vibram, na sensação do mesmo sentimento.

— E' a communhão do amôr:
desde a arvore gigante
á minuscula flôr,
da agua do mar berrante
á agua do rio cantador;
o amôr em tudo medra;
amam o homem e a fera,
ama a estrella no espaço, ama no solo a pedra,
a Lua tudo para o amôr acera.

Vê, observa, entretanto:
quietude na agua, na fronderia,
quietude plena, plena inanição;

é que o luar a materia' anesthesia,
ao luar sómente a alma tem vibração.

E, emquanto,
prêsa desse encanto,
em seus descuidos,
dormir parece a Terra
um somno quieto,
a alma dos seres e das cousas erra,
e o infinito, que está de desejos repleto,
é uma palpação voluptuosa de fluidos.

A esse fulgôr
do luar,
protector
de tão brando,
andam as almas se procurando,
se procurando para o amôr...

E bem se encontram, nos caminhos do ar,
sob os lunares lumes;
e ha na altura
uma mistura
de pollens, de perfumes,
de essencias desprendidas
por todas as vidas.

Como se sentem bem, minha alma e a tua,
á luz lyrica da Lua!...

Nesta quietude, nesta solidão,
em nossos seres que tendencia, que attracção!...

Na ausencia a que te impões e a que me imponho,
para a germinação
de um grande sonho,
entras minha emoção, entro tua emoção...

Pelos do luar silencios longos, lentos,
os nossos pensamentos
são forças genitaeas que igualmente se dão...

*

* *

O teu olhar
luzente,
lindo,
ora descendo, ora subindo,
a me fitar...
o teu olhar
manso, indolente,
dá-me a impressão de uma serpente
pelo meu corpo a se enroscar.

.....

São muito, muito mais macios
do que os teus dedos, os teus olhares
longos, esguios...
Por me fitares,
eu sinto, a todos os instantes,
que os teus olhares
são como dedos: acariciantes.

.....

Ha pubescencia
de adolescencia
nesses teus olhos de côr escura;
sinto-os, ás vezes, sem mesmo vel-os,
e fico prêsa na conjectura
de que os teus olhos são dous novellos,
duas madeixas que andas a desfiar,
pois, de sêdosos, lembram cabellos
os finos fios do teu olhar.

.....

Quando teus olhos bolem
nas orbitas, eu cuido
que delles para mim venha algum pollen fluido,
um luminoso pollen...

.....

Seja talvez, o estranho lume
dos olhos teus, fumo, perfume,
embriagador;
seja talvez uma bebida maga
o teu olhar... não sei, só sei que elle me embriaga,
só sei que nelle ha o sabôr
de um licôr
muito dôce, muito dôce,
que pelos olhos bebido fosse,
cuja embriaguez não poderás suppôr.

.....

Os olhos teus são dous tapêtes bastos,
são dous tapêtes de pellica,
onde, de rastos,
felinamente, se espreguiça
o meu olhar...

.....

Esses teus olhos são as alcôvas nupciaes,
confortantes alcôvas de velludo
onde me alheio a mim, me alheio aos mais,
e ao mal que em nós actúa...
onde sou tua,
apenas tua,
indifferente a tudo:
ao passado e ao porvir...
onde fico a dormir...
onde fico a sonhar...

*

* *

Mãos que commigo para sempre estão...
Mãos pequenas e finas,
com que afinas
minha emoção.

Foram-se os meus silencios taciturnos,
as tuas mãos enchem-m'os de ruidos,
tangendo languidos «nocturnos»
nos meus cinco sentidos.

Mãos de pellucia, que, em afagos lentos,
andam passando nos meus pensamentos...
Mãos que eu não sei dizer se são brunas ou alvas;
mãos que, sempre, minhas mãos, quando as colherdes,
heis de suppôr conter ramilhetes de malvas!...
Mãos nas quaes a sonhar minha magua descança,
mãos que, através do tacto, eu vejo verdes, verdes!
ó mãos do meu Amôr! — mãos da minha esperança!

Mãos com que, ás vezes, mal te atreves
a tocar-me, de manso, em gestos breves;
mãos plumeas, suaves,
que passeaes, que roçaes no meu desejo insano,
como as aquaticas aves
roçam, passeam no empolado oceano.

As minhas mãos que ebriez as toma,
ás tuas mãos que são de arôma!

As minhas mãos... não sei si as gosas,
não sei si as sentes,
porém supponho as tuas vaporosas
e as minhas absorventes.

As tuas mãos... preme-as, num violento
aperto, busco e emprego esforços vão;
as minhas mãos sentires, num momento,
fortemente, procuras... baldo intento!
mãos que acarinho, mãos que acarinhas,
fazem com que eu conclua e com que tu concluas:
«fogem, se abstraem tuas mãos, nas minhas...
são dous espasmos minhas mãos nas tuas...»

Distancia enorme entre nós dous se espalma,
mas tuas mãos estão pousadas na minha alma,
minhas mãos absorveram tuas mãos.

*

* *

O Ideal, ó meu Amôr, não admitte contacto,
escapa-nos das mãos, é puramente abstracto.

Feliz de quem deseja um bem e não o alcança;
o maior bem da vida é ter uma esperança
duradoura, é esperar o que nunca ha de vir,
é viver de illusões, é viver do porvir.

Na eterna decepção desta vida funesta,
teu amôr, meu Amôr, é o bem que hoje me resta,
e para conserval-o os meus instinctos torço,
porém, com quanta dôr, com que giganteo esforço!

Olha: eu te amo, não vês? te amo com phrenesi,
e sempre te hei de amar, assim, longe de ti,
pois, para que um amôr se torne inextinguivel,
urge se lhe anteponha este abysmo — o impossivel.

Amemo-nos assim, sintámo-nos em sonho,
passemos a sonhar pelo mundo tristonho.

Amemo-nos assim, sem que possam suppôr
que o teu Amôr sou eu, que tu és o meu Amôr.

Eu contigo estarei, a todos os momentos,
a enroscar-me, a subir pelos teus sentimentos,
qual uma nova, abstracta e languida serpente.
Tu commigo estarás, dentro da minha mente,
de uma forma subtil, de manso, de vagar,
— igneo pôlvo — a minha alma a opprimir e a sugar.

Busquemos o silencio, as solidões completas,
não nos podem notar: amam a paz os poetas.
Si estou só, si estás só, quem, acaso, presume,
que a mim vens, que a ti vou, num raio, num perfume?

Ninguem ha de prevêr, que, num mudo scismar,
a nossa mutua união se possa realizar.

Bemdigámos, portanto, o pavoroso abysmo
que fez do nosso amôr apenas idealismo.
Mais valem da illusão as eternas delicias,
do que essas sensações doces, porém ficticias.

Amemo-nos assim, livre-mo-nos do Mal,
seja-nos o deserto uma alcôva nupcial,
abençõe o Silencio, apenas, nossa bôda,
e que todo eu te sinta e tu me sintas toda,
de uma maneira vaga, etherea, indefinida,
como a flôr sente o arôma e a carne sente a vida.

Nas tredas solidões, nos silencios mortaes,
eu contigo me estou, tu commigo te estás.

*

* * *

Hontem, na sala calma, uma orchestra vibrava...
longos e cyanophtalmicos olhares,
pelo entreaberto reposteiro,
a Tarde flava
nos deitava;
estava em ti meu pensamento inteiro,
em mim estar deviam teus scismares.

Uma velha melodia
se estendia,
se enredava
e preenchia
o curto espaço que nos separava.

De olhos cerrados para o ambiente.
áquelles sons, eu via, nos espaços,
para mim se estenderem, lentamente,
teus longos braços...
via teus dêdos, tuas mãos finas,
tremulas, me buscando, nas surdinas.

e me alongava, pela audição,
para os appellos repetidos
dos ruidos.

Como te amei, então!
— as minhas esperanças
cresciam, rebentavam, quando em quando,
abriam bastas, viridentes franças,
em desganhos de aneio te enlaçando.
Minha volupia preguicenta
desenroscava-se, e dos desvãos
do meu recato,
ia, lenta, lenta,
para o contacto
das tuas mãos.

Em meio a tanta gente imbecil e damninha,
eu suppunha que aquella melodia
ora de mim te ia,
ora de ti me vinha.

Assim ficámos,
nesse ambiente,
como arvores, subindo, abrindo estranhos ramos,
serenamente...

A alma sempre se engana
pelos ouvidos;

na sua fluida filigrana,
a musica nos teve enlaçados, unidos...
quando a orchestra cessou (delicia curta e insana!),
os echos eram vinculos partidos.

Fóra, a Tarde morria...
qualquer cousa morria em nosso ser...
muda permaneci, permaneceste mudo:
que mais dizer eu te poderia,
que mais tu poderias me dizer,
si aquella melodia
disse tudo?!...

*

* *

Que importa não mais te vêr,
si te trago commigo,
dentro do mais escuso do meu ser?
Que importa não mais te vêr,
ó meu ausente amigo!
si repletos de ti meus sentidos estão,
si te tenho, através das noutes e dos dias,
a espiritualizar a minha solidão,
e meu silencio a encher de melodias?

Para tão puro amôr que vale a ausencia,
si uma telepathia pertinaz,
a cada momento,
vence-a,
e tua idéa para mim traz,
e a ti conduz meu pensamento?

Que importa tua fórma — a fórma da materia —
si o que em ti mais me seduz
é tua alma esplendente, pura, etherea,

é o que possues
de abstracto, de intangivel,
é tua essencia, é tua luz?

Quero-te sempre assim,
meu eterno impossivel!
quero-te sempre assim,
num amôr caminhante,
sempre longe de mim,
mas me pairando na alma,
como na agua do mar revôlta ou calma
paira a visão do azul distante.

Quero que para mim sejas sempre um perfume,
sejas raio de sol, sejas fulgôr de luar:
— aquillo que se gosa e não se assume
— aquillo que se vê sem se poder tocar.

Quero que nosso amôr seja prolongamento,
seja indeterminismo;
quero têr o sabôr do ineditismo
nesse teu insaciavel pensamento.

O affecto que te voto é bem diverso
desse outro — egoistico e perverso,
que a humanidade sente;
e amôr que só se manifesta em verso,
que em verso ficará vivendo eternamente.

Por nossa mutua felicidade,
tolhidos devem sêr meus anseios e os teus;
guardemos este amôr com toda a castidade
de um culto para Deus.

Por este amôr me esquivo ao prazer turbulento,
por este amôr serei a monja da Tristeza,
da Renuncia entrarei para o convento.

Para este santo amôr todos os dias ponho
a arder o cirio do meu sonho.

Pela conservação do nosso amôr, desisto
dessa orgia carnal,
eternamente accêsa
para goso do Mal,
e, como as freiras são as esposas de Christo,
serei a tua esposa espiritual.

As nossas affeições se tornarão tamanhas
que, ante a supposição das perfidas creaturas,
imperturbaveis, solidas, estranhas,
ficarão, na attitude das montanhas:
aggredindo as alturas!...

Sem lagrimas, sem gritos,
iremos — um para o outro, intimamente afflictos —

caminhando, seguindo,
nesta illusão azul, neste desejo lindo
que eterno ha de nos sêr por se não realizar...
tu a mim vens descendo, eu a ti vou subindo,
como o mar sobe ao céo, como o céo desce ao mar.

*

* *

Uma
pluma...
e um gorgueio... e um arôma de cravo...
e um favo
melifluo... e uma nacarada
gota das tintas da Alvorada...
Qualquer cousa, afinal, que em si resuma
sabor,
perfume, som, maciez e côr,
eu trago, meu Amôr,
nos sentidos
pairando,
desde quando
os teus labios e os meus se ficaram unidos.

Debalde o meu segredo aos mais seres encubro,
debalde: o beijo teu manchou-me a bocca,
tal como um vinho rubro.
Talvez
me julgues louca,
mas supponho que estão

todos ouvindo
o beijo teu nos labios meus cantar;
tenho a impressão
de que me deste um beijo infindo;
sinto ainda o roçar
da sua aza macia;
o seu sabor tão doce inda me delicia,
inda, de quando em vez,
fecho os olhos, sentindo
do seu perfume intenso a rapida embriaguez.

Cheia de ti, eu, com delicia,
cuido
que, naquella caricia,
tu te esqueceste em mim em fluido;
foi, com certeza, num descuido,
numa vertigem de prazer,
que se ficou, de todo espalma,
tua alma na minha alma,
teu ser
a encher
meu ser.

Oh! bemfazejo olvido
o desse curto instante
que fez com que commigo eu te traga, Querido,
quando me estou tão só, quando te estás distante!

Como num beijo uma alma em outra se insinúa!
Num beijo foste meu e num beijo fui tua!...

Tudo quanto pudera,
até então, se oppôr
ao nosso amôr,
tudo raso ficou, só elle ascende e impera!
Quem póde capturar o fugitivo odôr,
depois que elle se espalha na atmospha? .

*

* * *

Pela minha saudade caminheira
que ha de te procurar a vida inteira;
por meu silencio que de sons encheste;
por este
beijo que se ficou, oscillante e impreciso,
nos meus labios suspenso, a vibrar como um guiso;
pela esperança desesperada
que, em desganhos de dôr, se abre, na estrada
da minha vida;
pela desillusão que eu conservo illudida;
por minha solidão que povôas de aroma;
pela vertigem que os meus membros toma;
pela alma que te espera em meus olhos, de bruços;
pelos olhos **em que te fecho em mim;**
pelos meus prantos; pelos meus soluços;
pelos meus brados;
pelo festim
das minhas dôres, quando o teu vulto me assoma;
pelos meus pobres sonhos despertados
— sonhos da minha insomnia em ti pensando;
pelo olhar que se estende e me procura,
de tão distante,
illuminando a minha noute escura;

pelo olhar envolvente e penetrante
que eu sinto, a cada instante...
pelas mãos com que me acenas,
de longe, quando em quando;
pelos escolhos, pelas penas
que eu soffro, sem sentir, as tuas mãos buscando;
pelos fluidicos carinhos
que andam passando, pelos caminhos
do meu ser;
por meu intermino querer
a ti, senhor das minhas agonias!
todas as noutes, todos os dias,
conservarei vivas, accêsas,
minhas constantes phantasias.

Vida que me persegues, que eu persigo,
eu te bemdigo, Amôr, eu te bemdigo!

Curvo-me a ti, num culto singular,
pelo sabôr de todas as tristezas
que me deste a provar.



Silencio

A Julia Duque Estrada

O silencio é a expressão
mais alta da emoção.

Amo o silencio largo e lento
porque elle é a voz mais verdadeira,
é a voz do sentimento.

Amo o silencio a que me entrego inteira,
porque a minha audição, a cada instante, fira
a sonora mentira.

Amo o silencio evangelizador;
no silencio absoluto
é que eu me escuto,
é que eu percebo a voz da minha dôr.

O silencio me diz muito mais, muito mais
do que todos os sons: diz-me aos ouvidos da alma;
nelle eu me sinto expansa, espalma,
elle, ás vezes, me traz
estranhos cabedaes
dos quaes
disponho,
faz-me senhora do meu grande sonho,
dá-me a gosar, subjectivamente,
tudo quanto deseja a minha mente.

Ha no silencio a manifestação
de maguas desconhecidas;
ouve o silencio e sentirás, então,
que milhares de vidas,
nessa mudez, gritam, em vão;
nelle descobrirás vozes perdidas
na fatal decepção
de não
serem ouvidas...

Que suggestivos brados!
que imprecações agudas,
soltam as cousas mudas,
nos silencios profundos, prolongados!

Mas o silencio é muitas vezes delicioso,
e toda a natureza,
frequentemente, fica preza
desse silencio de extasis do goso.

Amo o silencio e estudo
o silencio de tudô:
o silencio de maguas,
— empedrado silencio dos rochedos;
o silencio indeciso, ondulante, das aguas;
o silencio vellosa e ridente das franças;
o silencio febril dos olhos, quêdos
em espasmos de amôr, e o silencio das mansas,
lentas caricias de amorosos dêdos...
o silencio expressivo e falador das côres,
e o silencio dos rumôres,
em echos, agonisando...
o silencio sensível dos odôres
— silencio de mil sons indefinidos,
mais sonoro que todos os rumores —
e o silencio formidando
dos pensamentos se gerando...
o silencio dos auges, dos extremos,
dos paroxysmos,
dos bens supremos,
das supremas desventuras;
o silencio de dôres dos abysmos,
e o silencio de gôso das alturas.

Silencio todo suavidade,
silencio com que te busco,
ao lusco-fusco,
— peregrino silencio da saudade.

Silencio cheio de alaridos,
silencio de revolta

dos nossos miseros sentidos
contra o dever que nos escolta.

Silencio plumeo e roseo em que te vejo,
e, de ti longe, sinto-te ao meu lado,
todo em silencios, fluidificado;
— silencio sensorial do meu desejo.

E' no silencio que se expande
o que a phrase não ha-de
nunca exprimir, por sêr divino ou grande.

No silencio ha uma voz de magestade
— a voz de Deus, talvez, —
e, ó cousas naturaes, sois todas humildade
no silencio, porque bem o entendeis!

Silencio mysterioso e constellado
da treva, amplo silencio em que me exalto!
Silencio enorme, que me falas alto,
silencio magico da luz!

Silencio lento, gerador das vidas!
— silencio da semente que produz!

—animado silencio dos embryões!
Silencio do ultimo transporte
da alma! silencio estagnador da morte!
silencio que me attrahe e me intimidas!
silencio que compões
e decompões!



Deus

A João Ribeiro

Deus é luz? mas porque? (minha razão trepida,
e, exhanime, baqueia, e desfallece quasi).
Deus é causa da luz, Deus é causa da vida,
a luz vem pois de Deus, sem que lhe seja a base.

Nunca pude discred, por uma longa phase,
desse occulto creador que a amal-o nos convida;
quem poderá rasgar a mysteriosa gase
que ennubla sua fórma etherea, indefinida?

Sinto Deus, muita vez, ouço-lhe a voz sombria,
mas na treva compacta e na calma absoluta,
não ao fulgor do Sol, aos ruidos do dia.

Verás a gestação da Vida; a tua alma eleva,
Homem! penetra a noute, o amplo silencio escuta:
não poderás negar que seja Deus a treva.



Olhando o mar

A Olga Sampaio Prudente

Sempre que fito o mar
tenho a illusão de achar-me deante
de um silencio amplo, ondulante,
de um silencio profundo,
onde vozes luctassem por gritar,
por lhe fugirem do invisivel fundo.

Deante do mar eu fico triste,
nessa mudez de quem assiste
reproducções do proprio dissabor;
deante do mar eu sou um mar,
a outro se appôr
e a se indeterminar.

O mar é sempre monotonia,
na calmaria
ou na tempestade.
Fujo de ti, ó mar que estrondas!

porque a tristeza que me invade
tem a continuidade
das tuas ondas...

•

Mas te amo, ó mar, porque minha alma e a tua
são bem eguaes: ambas profundamente
sensíveis, e amplas, e espelhantes;
nellas o ambiente
actúa
apenas superficialmente...
Calma de scismas, de extasis, de sonhos,
desesperos medonhos,
ancias de azul, de alturas...
— longos ou rapidos instantes
em que me transfiguro, em que te transfiguras...
Nos nossos sentimentos sem repreza,
nas nossas almas, quanta affinidade!
— tu sentindo por toda a natureza!
— eu sentindo por toda a humanidade!

Nos dias muito azues, o meu olhar,
attento,
a descer e a se elevar,
suppõe o mar um espreguiçamento
do céo e o céo um extasis do mar.

Ha nos rythmos da agua
marinha uma poesia, a mais completa,
essa poesia universal da magua.

O mar é um cerebro em laboração,
um cerebro de poeta;
nas suas ondas, vêm e vão
pensamentos, de roldão.

O mar,
ímperturbavelmente, a rolar, a rolar...
O mar... — conclúo sempre que medito
em sua profundeza e em sua vastidão: —
o mar é o corpo, é a objectivação
do espaço, do infinito.



Conjecturando

A Osorio Duque Estrada

Luctar... mas para que?
para, em fim, cêdo ou tardê, sêr vencida?
Luctar... mas para que?
si a vida
é o que se vê
e se sabe: uma lucta indefinida,
onde qualquer ser
que lucte ha de perder.

Exhausta, na existencia eu as armas deponho,
e, ao envez de luctar,
distraio-me a sonhar,
faço do proprio mal um motivo de sonho.

E' bem melhor soffrer a dôr definitiva,
dôr que ora se amortece, ora se aviva,
e é sempre a mesma dôr,
do que luctando, num constante abalo,

e alimentando da Esperança o anhelô,
caminhar para o Ideal, conseguil-o, alcançal-o,
e, logo após, perdel-o.

Convenci-me,
agora, de que o goso é um crime,
pelo qual nos cabe tetrica expiação.
Feliz de mim que ignoro do prazer,
tristes dos que muito venturosos são,
pois não sabem inda o que a soffrer
virãc.

Ai dos felizes!
Ai dos felizes!
Bemdito sejas, meu pezar interno,
embora sempre me martyrises!
Bemdicta a dôr que no meu ser actúa,
porque, apezar de tudo, a Dôr é bôa
para quem a ella se habitua.
A dôr antiga
é uma dôr amiga,
dôe pouco a pouco, não magôa
quasi.

Ai dos que fruem da ventura a phase,
loucos, a espera de um prazer superno!
Ai dos que vivem nos enganadores
gosos desta existencia!
— A dôr inesperada é a maior dentre as dôres,

vem com toda a violencia
das vinganças...

Alma de onde sómente o riso escapa,
alma que da alegria não te canças,
olha que a Dôr prepara o seu bote, a socapa!...
si attingiste do goso a plenitude
é que ella bem te illude,
e se prepara e apura
traioeira — te engendrando uma horrivel tortura!

Viver... mas para que? Ai dos que amam a vida
por lhe haverem provado até então do prazer!
torturas soffrerão quando a virem perdida,
por amarem a vida
hão de cêdo morrer!

Ai do ser que accumula
o ouro das illusões!
um thezouro prepara
para
satisfazer a Morte avara...
quantas riquezas vão para os caixões!

Ai daquelle que tem o corpo forte,
pois conservar a carne pura e san
é o mesmo que engordar a ovelha para o córte!
ai daquelle que, amanha,

saboreado será pela gula
da Morte!

Ai dos que se suppõem vencedores
desta lucta e, embriagados de ventura,
passam alheios á Desgraça!...

Ai dos que gosam faustos e esplendores!
que tortura sem par,
por uma cova regelada e escura
um palacio trocar!

Veloz a vida dos felizes passa...

Ai dos ricos, que vivem sempre cheios
de vaidade e de bens roubados, bens alheios!
de que vale fazerem tanto mal,
si tudo hão de deixar pela Morte, afinal?!

Felizes dos que vivem na miseria,
de corpo sêcco, de alma exgottada,
pois nada levam para a funeria
orgia dessa velha deleteria.

Felizes desses que não têm morada,
que não têm conforto,

não tiveram passado e não terão porvir,
que, quando a Morte, enfim, lhes fôr chegada
(ha sempre abrigo para um corpo morto!),
pouso conseguirão, em calma, hão de dormir.

Para os felizes tem a Morte horrores,
é o inferno com todas as torturas,
mas tem mysterios promissores
para as creaturas
que só souberam do travôr das dôres.

Cada dia que passa me persuade
que bem melhor que a felicidade
é a insensibilidade;
as delicias
da vida são ficticias,
e a morte é o meio singular
de não soffrer, de não gosar.

Feliz de quem se fez soffredora submissa
e desistiu da liça,
vencedora será quando a Morte chegar
porque lhe ha de burlar
a insaciavel cobiça.

Feliz de mim que, de illusões vasia,
vou me acabando, dia a dia,
do declive da vida na jornada.

Feliz de mim que não terei mais nada
para a Morte levar...
Feliz de mim que, a esfallecer, diviso
um goso doce, delicioso, manso,
pois si a morte não me fôr o paraiso
ha de ao menos me sêr da tortura o descanso.

•



Olhando a minha vida

Errei... Minha esperança, além, se esfuma...
sinto-me envelhecer.... A Terra é linda!
mas a existencia, aos poucos se me finda,
sem que eu tenha gosado cousa alguma!

Sou producto de um erro; ha tanto vinda
é a dôr que no meu peito se avoluma,
que eu não sei si a adquiri ou si ella, numa
lei atavica, em mim perdura ainda.

Errei caminho, vim ao mundo atôa,
em vão minha alma libertar procuro
do pezo que carrega e que a magôa.

Minha existencia é toda, toda errada,
e, distendendo o olhar para o Futuro,
olho, perscruto, chamo, indago... — nada...



TABOA

Taboa

	PAGS.
Dossa eu, da phrase nos absonos sons.....	7
Aspiração.....	9
Cabellos negros.....	15
Manhan de bonança.....	19
Helios e Heros.....	21
Tedio.....	22
Ante uma paisagem.....	23
Vibrações do Sol.....	27
Volupia.....	28
Symbolos.....	29
Impressões do som.....	33
Emotividade da Côr.....	47
Particularidades.....	58
Impressões do luar.....	60
Numa rêde.....	63
Poêma de amôr.....	67
Silencio.....	102
Deus.....	107
Olhando o mar.....	108
Conjecturando.....	111
Olhando a minha vida.....	117



*
* *
*

*Foi terminada
a impressão deste livro,
no
dia dois do mez
de
Abril
do
anno de mil novecentos e dezesete,
nas officinas graphicas
da
«Revista dos Tribunaes»,
rua do Carmo, cincoenta e cinco,
Rio de Janeiro*

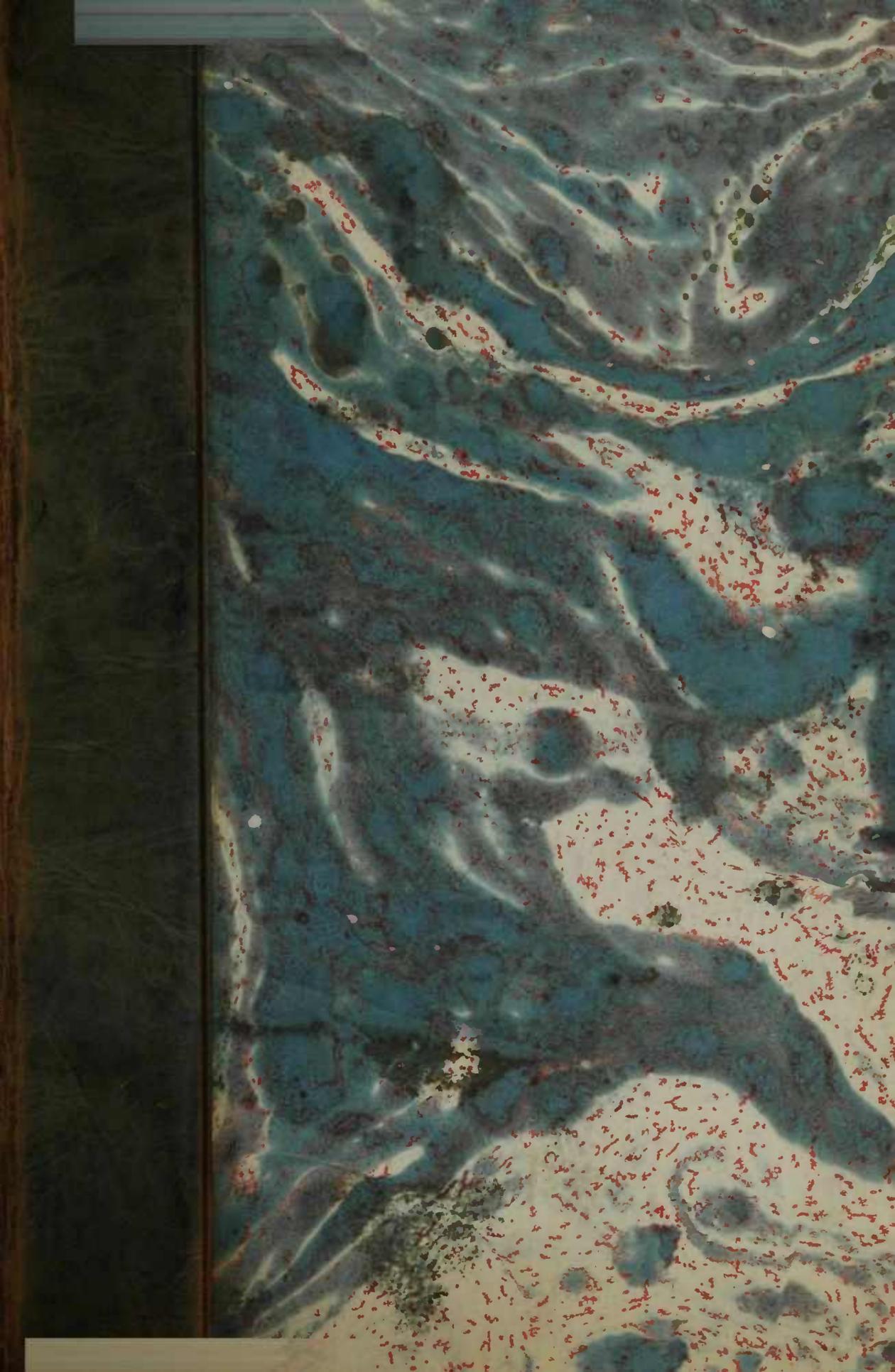
* *
*

.

**TODOS OS EXEMPLARES DESTA OBRA SÃO
RUBRICADOS PELA AUCTORA**







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).